

ESTUDO DA QUESTÃO DA LIBERDADE E DO LIVRE- ARBÍTRIO NA OBRA O *CUZARI*, DE IEHUDÁ HALEVI

Manu Marcus HUBNER¹

- **RESUMO:** *O Cuzari* é uma obra medieval de grande importância que discute os fundamentos da fé judaica. Escrita na Espanha dividida entre cristãos e muçulmanos do século XII, quando eclodem as cruzadas, e quando a filosofia neoplatônica influencia o pensamento islâmico e judaico, esta obra objetivou levantar a auto-estima de um povo perseguido e promover a diferenciação entre o pensamento judaico e o helenístico. Uma obra escrita há aproximadamente novecentos anos, que permanece tão atual quanto no momento em que foi escrita, e continua sendo um dos livros básicos de filosofia judaica. A questão da liberdade e do livre-arbítrio é um dos pontos altos da obra. *O Cuzari* discute fé, razão, intelecto humano, ética e moral, e como é possível compatibilizar o livre-arbítrio humano com o poder, o julgamento e a onisciência divinos.
- **PALAVRAS CHAVE:** *Cuzari*. Halevi. Judaísmo. Liberdade. Filosofia.

Introdução

O Rabino Iehudá ben Shemuel Halevi nasceu em 1075 em Toledo, Espanha². Foi um grande poeta, filósofo e médico, e um dos principais pensadores judeus da Idade Média. Sua obra pode ser dividida em três partes: um livro explicando sua filosofia judaica, *O Cuzari*; uma grande quantidade de poesias litúrgicas e não litúrgicas; cartas, a maioria em árabe com escrita em hebraico, encontradas na *guenizá* da sinagoga do Cairo³. Na sua juventude, foi aluno de grandes eruditos da *Torá*⁴ em

¹ USP – Universidade de São Paulo. FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. DLO – Departamento de Letras Orientais. São Paulo – SP – Brasil. 01229-010 – marcush@terra.com.br

Artigo recebido em 01 de Julho de 2011 e aprovado em 19 de Setembro de 2011.

² Podemos encontrar fragmentos da história do Rabino Iehudá Halevi em diversas obras: Halevi (2010, p.10-14); Abrahams (1899, p.126-133); Halkin (2010); Kogan (2008), Schmidt (1996, p.144-149); Scheindlin (2008, p.5-16). Este último acredita que Halevi nasceu provavelmente em 1085.

³ *Guenizá* é um depósito na sinagoga onde são recolhidos livros e objetos sagrados em desuso, segundo Berezin (2003, p.78). Uma coletânea de manuscritos medievais foram preservados na *guenizá* da sinagoga do Cairo, e muitos foram levados para a Europa por volta de 1890 e espalhados em seguida por diversas bibliotecas. (SCHEINDLIN, 2008, p.5-6).

⁴ *Torá* (“ensinamento”, segundo BEREZIN, 2003, p.663) é o conjunto de livros que forma o Pentateuco. A Bíblia Hebraica, ou *Tanach*, é composta pelos livros do Pentateuco, Profetas e Escritos.

suas peregrinações acadêmicas pela Península Ibérica e norte da África, como por exemplo, o renomado Rabino Isaac Alfassi. Estudou Medicina em Córdoba, tendo se tornado médico da corte de Alfonso VI, rei de Castela, e demonstrou em suas obras grande conhecimento da poesia e filosofia árabes, além, é claro, das leis e da mística⁵ judaicas. Teve uma única filha, que se casou com Isaac, filho de seu amigo e também grande erudito Abraham ibn Ezra.

Sua obra mais importante, *O Cuzari*, foi escrita em árabe e traduzida ao Hebraico pelo Rabino Ibn Tibon, famoso por sua precisão e fidelidade ao texto original. A obra foi escrita em forma de diálogos. Baseia-se num fato histórico ocorrido aproximadamente quatrocentos anos antes de sua época, quando o rei de um povo que vivia entre os mares Negro e Cáspio converte-se ao Judaísmo, juntamente com seu povo (HALEVI, 2010)⁶. O rei dos cazares formula perguntas em sua busca por uma religião, e recebe respostas sábias, em forma de discussões, de alguém intitulado em Hebraico *chaver*, “amigo”⁷. “Não se trata de um testemunho histórico do antigo diálogo, mas sim, a forma literária escolhida para a obra” (HALEVI, 2010, p.18). Diversos temas são abordados na obra, desde o pecado do bezerro de ouro, a idade do mundo, e até mesmo dilemas filosóficos.

O reino dos cazares se estendia desde o rio Volga e as montanhas do Cáucaso até o Mar Negro e o Mar Cáspio, e controlava a rota da seda e outras rotas comerciais que conectavam a Europa à Índia e ao extremo oriente. Posteriormente, o rei e todos os seus súditos se converteram ao Judaísmo, que se tornou a religião oficial. Segundo Shear (2008, p.IX), a história era bem conhecida na época em que o Rabino Iehudá Halevi escreveu o seu livro, que propõe uma resposta ao mistério da conversão dos cazares.

O contexto histórico da época é bastante complexo. Segundo Halkin (2010, p.3), noventa por cento dos judeus desta época vivem no mundo muçulmano, que se estende da Espanha e do Marrocos, na costa do Atlântico, até sua fronteira oriental, a Índia, e do Iêmen até o Mar de Aral. Andaluzia era a fronteira noroeste deste vasto território, pressionada entre o mundo muçulmano e a Europa cristã. Os almorávidas, muçulmanos fanáticos do norte da África, invadem a Espanha em 1090, segundo Kogan (2008). Após tomarem o controle da Andaluzia, em

⁵ E. Wolfson (1990-1991) demonstra os extensos conhecimentos místicos de Halevi.

⁶ Segundo o prefácio da edição do livro *O Cuzari* da Editora Sefer (HALEVI, 2010, p.17), este fato é mencionado no *Sefer Hacabalá* e nos capítulos 3 e 4 do *Sefer Iuchassin*, onde consta uma carta enviada por Iossef, rei dos cazares, ao sábio Chasdai ibn Shaprut, que fala sobre descendentes daquele povo que estariam entre os sábios da *Torá* de Tortela.

⁷ Berezin (2003, p.221). Na época dos sábios da Mishná, os grandes eruditos em *Torá* eram chamados *chaverim* (Mishná, Demai 2, 3). O *chaver* é um mestre, conselheiro e orientador. No comentário de Rashi sobre Gn 45:8, *chaver* é traduzido como “pai”, na tradução de MELAMED, 2001). Moisés é chamado de *chaver* por conectar o povo de Israel com seu Pai Celestial (HALEVI, 2010, p.30-31).

resposta à tomada de Toledo pelos exércitos cristãos de Alfonso VI, a vida judaica na região deteriorou rapidamente. A Espanha cristã empreende uma guerra para a reconquista. A frágil posição dos judeus, no meio dos confrontos entre cristãos e muçulmanos, era desanimadora. O sul do país permanece nas mãos dos muçulmanos, enquanto os sanguinários cruzados partem da Europa em direção à Terra de Israel, destruindo pelo caminho comunidades judaicas inteiras. Nesta época de Cruzadas e perseguições para as frágeis e inseguras comunidades judaicas da Espanha, o Rabino Iehudá Halevi, com suas poesias que refletiam o sofrimento de seu povo, lutava para manter viva a fé, revitalizando o espírito e o cumprimento das leis da *Torá* por parte dos judeus espanhóis, e sonhava com o retorno à Terra de Israel. Talvez por estar descontente e sem esperanças de uma vida judaica plena na diáspora, especialmente na Espanha, *O Cuzari* parece trazer uma justificativa teológica para sair da diáspora e imigrar para a Terra Santa⁸. Já em idade avançada, decide empreender esta perigosa jornada, após o falecimento de sua esposa, aproximadamente em 1140. Em Jerusalém, encontra a sua morte, tendo sido pisoteado por um cavaleiro árabe⁹.

Segundo Scheindlin (2008), neste período, o pensamento helenístico dominou o intelecto judaico e árabe. Especialmente no décimo-segundo século, as idéias aristotélicas se disseminaram no Islam ocidental. O pensamento grego, baseado na lógica estrita aplicada a dados universalmente observáveis, tendia a reduzir os textos sagrados a meras metáforas das verdades filosóficas, e as leis religiosas ao status de sistema político absolutamente sem validade. Porém, para H. Wolfson (1912), Halevi soube manter-se livre da sua influência, mesmo estando familiarizado com seus conceitos. Ao contrário da maioria dos pensadores judeus de sua época, ele foi capaz de enxergar as diferenças essenciais entre os conceitos judaico e grego de Deus, de comportamento e destino humano. Sua obra está inserida em uma corrente filosófica que combatia a tendência medieval de subordinar o Judaísmo à especulação helenística, justificando o Judaísmo pelos seus próprios princípios, indicando suas características e afirmando seu direito à existência intelectual autônoma. Suas armas seriam a crítica à filosofia grega¹⁰ e à crença de seus

⁸ Berger (1992, p.219, p.220, p.228): original em inglês: "*Halevi was most likely recommending that all Jews emulate his return to Zion*"; "*Jews must return en masse to Palestine*"; "[...]the *Kuzari* may be understood as a theological justification for leaving the Diaspora and moving to Zion". Para Berger (1992), os objetivos de Halevi ao escrever esta obra são lidar com a assimilação judaica e a falta de desejo do povo judeu de deixar o exílio para ir à Terra Santa.

⁹ Não há provas documentais sobre a veracidade deste fato, conforme o prólogo do livro *O Cuzari*, da editora Sefer (HALEVI, 2010, p.35-36), e a afirmação de Kogan (2008, p.3): "Uma carta de seu amigo Halfon confirma apenas que Yehudá Halevi morreu em julho de 1141".

¹⁰ "As opiniões dos filósofos estão constantemente abertas à discussão; alguns assuntos são admitidos somente após terem sido apresentadas provas cabíveis; outros são aceitos, bastando que pareçam razoáveis ao intelecto. Outros temas, nem isto: são ilógicos e impossíveis de comprovar!" (HALEVI, 2010, p.55).

contemporâneos de que esta seria a verdade absoluta, e a diferenciação e definição da posição judaica (WOLFSON, H., 1912).

Dentro deste contexto, *O Cuzari* é uma obra de defesa racional da religião judaica, conforme seu título original, “Livro de Argumentação e Prova em Defesa de uma Religião Desprezada” (HALEVI, 2010, p.22)¹¹. O livro é uma preciosa ferramenta de auto-conhecimento para os próprios judeus, mais do que uma discussão entre religiões (HALEVI, 2010).

O Rabino Iehudá Halevi foi qualificado como um “vinho velho que até mesmo agora enche novas garrafas” (WOLFSON, H., 1912, p.337, tradução nossa)¹², “[...] um homem de atração magnética, a quem os contemporâneos e sucessores concordaram em admirar e amar” (ABRAHAMS, 1899, p.126, tradução nossa)¹³. A obra *O Cuzari* foi escrita há aproximadamente novecentos anos, e continua sendo um dos livros básicos para o estudo dos fundamentos da fé judaica.

Segundo Shear (2008, p.XIII), *O Cuzari* tornou-se a afirmação clássica da identidade judaica em um processo dialético, envolvendo imagens herdadas dos trabalhos das gerações anteriores e reformulação consciente do trabalho, para que possa se comunicar com as novas gerações de leitores judeus. Uma consequência da construção do *Cuzari* como um clássico foi a mobilização do texto e de seu autor para proporcionar modelos e legitimidade para novas atividades culturais. Em outras palavras, intelectuais judeus em diferentes circunstâncias culturais encontraram no *Cuzari* um veículo para construção, articulação e disseminação das suas próprias idéias de identidade judaica.

O Cuzari

O rei dos cazáres sonha repetidamente com um anjo, que lhe dizia sempre: “Tuas intenções são bem aceitas pelo Criador, mas não tuas ações.” (HALEVI, 2010, p.41). A conclusão óbvia é que a intenção, pura e simplesmente, não é o bastante. A fé deve ser buscada e estudada com afinco e a ação é necessária (HALEVI, 2010). O rei, então, precisa buscar não uma crença ou dogma adequado, mas sim, a ação correta. Assim, o rei questiona filósofos e religiosos em busca de respostas.

O paradoxo da Onisciência Divina *versus* o livre arbítrio humano: para Halevi (2010), o livre arbítrio do ser humano não é incompatível com o poder e o

¹¹ “*Book of Refutation and Proof on Behalf of the Despised Religion*” (KOGAN, 2008).

¹² Original em inglês: “*old wine that is even now bursting new bottles*”.

¹³ Original em inglês: “[...] *a man of magnetic attractiveness, whom contemporaries and successors have agreed to admire and to love*”.

juízo divino – a fonte de todas as ações. A simples observação da natureza – plantas, animais e corpos celestes – proporciona a percepção¹⁴ de que existe um planejamento feito por um Ser inteligente, que ordena tudo em seu devido lugar. Então, tudo acontece por decreto Divino, ou existe livre arbítrio humano? Ambos estariam se referindo a diferentes aspectos da mesma coisa: tudo provém do Decreto Divino, até mesmo as ações voluntárias do homem.

Os fenômenos que ocorrem no mundo podem ser divididos em vários tipos, segundo Halevi (2010):

- Ação Divina direta: causada pela vontade Divina, sem possibilidade de intervenção. Se tudo fosse resultado da ação direta Divina, sem que houvesse uma evolução natural ou voluntária do homem, seria necessário criar tudo a todo momento, e os milagres deixariam de ser maravilhas.
- Fenômenos naturais que ocorrem por vias naturais: os fenômenos naturais, por sua vez, acontecem por vias naturais, ou seja, por meio de causas intermediárias que fazem com que determinado evento aconteça, a menos que um decreto Divino ou a ação do homem interfiram, como por exemplo, uma planta deve crescer até seu tamanho máximo, a menos que seja vítima da ação Divina ou humana. Nosso pensamento, nossas ações, recursos, o espermatozóide e o óvulo, a terra que moldou o ser humano – são exemplos de causas intermediárias. Estas existem e não atuam de forma independente.
- Ações incidentais, causadas fora da ordem natural das coisas: são causadas fora da ordem natural das coisas, e podem ocorrer em três situações: se não forem contra a vontade Divina; se as leis da natureza não impedem seu acontecimento; se não há oposição ao livre arbítrio do homem.
- Ações fundamentadas no livre-arbítrio do homem: o livre arbítrio é a causa intermediária da implementação dos atos e resulta numa corrente de acontecimentos que remonta à ação Divina, o que não obriga nem impede a ação humana, pois ainda temos a opção de realizar um ato ou não. Mas existem casos em que a consequência não seja causada diretamente pelo livre arbítrio humano, como por exemplo, alguém que causa algum dano enquanto está dormindo, sem ter consciência do fato.

Se não existe o livre arbítrio, para Halevi (2010), não podemos culpar as pessoas pelos seus atos. Não seria correto louvar ou censurar as pessoas, já que tudo

¹⁴ A percepção humana é de dois tipos: aquela obtida por meio dos cinco sentidos; aquela alcançada por meio de faculdades internas, como a imaginação e a memória. (HALEVI, 2010).

é planejado e premeditado. Se todos estão de acordo com o propósito para o qual foram criados, então tanto faz uma escolha ou outra: fazer o certo ou fazer o errado seria apenas cumprir a função premeditada de alguém.

Por outro lado, a ação humana não é impedida, independente da escolha feita. O homem é senhor de seus atos. Se a ação humana fosse forçada, a fala e o batimento do coração também seriam. O homem não poderia escolher entre falar ou calar-se: “[...] vemos que a ação humana de modo algum é refreada ou impedida, e por isso merece ser louvada ou censurada, dependendo da escolha feita.” (HALEVI, 2010, p.414).

Halevi (2010, p.415) não acredita que a escolha humana foge do domínio Divino: “[...] nada escapa ao domínio dos seus decretos! A possibilidade da escolha é apenas um meio ou causa intermediária, originada pelo Criador.” Mas a Onisciência Divina torna ilógica a possibilidade total de escolha. A onisciência Divina é então incidental, e não causal. A possibilidade que algo ocorra ou não, não contradiz a onisciência Divina, pois seu conhecimento não é a causa dos acontecimentos¹⁵. Se o conhecimento Divino fosse o fator causal das ações humanas, os justos teriam seu lugar garantido no Paraíso, e os malvados iriam ao purgatório sem ter pecado. Do mesmo modo, alguém poderia sentir-se saciado sem ter se alimentado, por saber que jamais sentirá fome. Todas as causas intermediárias seriam eliminadas, e não haveria necessidade para conceder faculdades intelectuais ao homem.

Quanto aos testes a que Deus submete os homens, isto não significa que Ele não sabia se os homens passarão ou não nos testes. O teste pode ter vários motivos para acontecer, talvez em benefício da própria pessoa, como é o caso de Abraão: “Porque fizeste esta coisa... abençoar-te-ei, e multiplicarei tua semente” (Gn 22:16)¹⁶.

Todos os eventos que ocorrem no mundo são Divinos ou naturais, voluntários ou acidentais. Porém, podemos traçar toda a trajetória de um evento retroativamente até a vontade Divina, portanto, as pessoas muitas vezes atribuem todos os eventos a Deus. Mas muitos eventos são frutos da escolha humana. Halevi (2010) critica os filósofos que acreditam que tudo acontece por puro acaso, classificando-os de “hedonistas”, por acreditarem que o principal objetivo da vida é obter prazer, que seria o próprio bem.

Uma grande pergunta para os dias de hoje seria: “Já que Deus conhece todas as nossas ações, e tudo já foi predestinado, não há motivos para nos empenharmos?”

¹⁵ Este conceito de que tanto Deus tem presciência dos acontecimentos como também o homem tem liberdade para agir coincide com a filosofia de Philo (WOLFSON, H., 1942).

¹⁶ A Bíblia utilizada para citações do Pentateuco é a *Torá – A Lei de Moisés*, de Melamed, Editora Sefer, 2001.

A resposta de Halevi (2010, p.421) para esta questão é: “[...] temos de nos preparar para a guerra aprendendo a guerrear e usando o melhor equipamento militar à nossa disposição, do mesmo modo que temos de preparar nossa alimentação para não passarmos fome.” Podemos usar nosso livre arbítrio de forma positiva, sendo diligentes em nossas ações, ou de forma negativa, agindo com negligência. É claro que acidentes podem trazer sucesso a quem não se empenhou, ou fracasso a quem se empenhou, mas não devemos nos arriscar em lugares perigosos ou simplesmente deixar as coisas acontecerem. Pelo contrário, devemos nos esforçar e evitar riscos. O esforço feito ao escolher salvar-se é a causa do seu salvamento. E devemos confiar em Deus naquilo que está acima do nosso controle.

O princípio de fé do autor se baseia no reconhecimento da existência de um Criador, vivo, eterno e que sempre existiu, causa de tudo, não corpóreo¹⁷, cômico de todas as criaturas e de suas ações, que criou tudo com um propósito e que nada em seu mundo é fútil, ou seja, todos os Seus atos são premeditados e executados com sabedoria (HALEVI, 2010). Ele não apenas cria, como também governa o mundo. Para Halevi (2010, p.71), provas desta existência são a ocorrência de milagres¹⁸ (as alterações nas leis da natureza seriam provas de que o Criador “faz o que deseja e quando quer”) e a própria história humana, uma marcha programada e proposital em direção a um desfecho claramente definido¹⁹ (uma análise das experiências humanas revelaria suficientes evidências empíricas para provar a existência de um Ser Superior guiando as ações humanas). O conhecimento Divino deve ser natural, Deus aparece para indivíduos e massas, fala, recompensa, pune, e é conhecido por intuição profética e por tradição²⁰.

Para Halevi (2010), deveríamos acreditar na perfeição Divina apenas observando o mundo criado. Ainda que encontremos uma falha na criação, isto não deveria abalar nossa fé, indicando que algo está errado em nosso raciocínio ou deve-se à nossa ignorância.

¹⁷ “Não há nem ao menos uma imagem para comparação, ou que possa ser compreendida pelo coração ou vista pelos olhos.” (WOLFSON, E., 1990-1991, p.203).

¹⁸ “[...] Estes milagres históricos registrados nas Escrituras pelos quais coisas foram transformadas em outras, como no Egito, por exemplo, quando as águas foram transformadas em sangue, e pelos quais novas coisas passaram a existir, como o maná no deserto. Estes fatos, segundo Halevi, só podem ser explicados pela hipótese de um Deus que é Onipotente e que age com sabedoria, embora não possamos sempre compreender esta sabedoria.” (WOLFSON, H., 1941, p.160, tradução nossa). Original em inglês: “[...] *those historical miracles recorded in Scripture whereby things were changed into one another, as in Egypt, for instance, water was changed into blood, and whereby also new things came into being, such, for instance, as the manna in the wilderness. These, says Halevi, can be explained only by the assumption of a God who is omnipotent and who acts by wisdom, though a wisdom which we cannot always comprehend.*”

¹⁹ Halevi (2010, p.58-59): “[...] de geração em geração, mantendo a veracidade histórica...”.

²⁰ Intuição profética e tradição, neste caso, faltam aos filósofos gregos (HALEVI, 2010).

Aquilo que nossa capacidade mental não pode ou não consegue entender, deve ser visto como um assunto confidencial Divino e atribuído à Sua misericórdia e justiça. Devemos ter em vista que mal podemos compreender aquilo que nos parece claro, quanto mais o que se oculta ao nosso nível de compreensão. (HALEVI, 2010, p.429).

Para Halevi, segundo H. Wolfson (1912), a verdadeira dificuldade da ciência reside no fato de que o interesse dos filósofos no mundo é mais teórico do que prático. Eles consideram o conhecimento de desempenhar coisas inferior ao conhecimento de descrever coisas de forma adequada. Esta preferência da especulação sobre a ação é estendida ao campo da ética. O bem mais elevado, de acordo com o filósofo, é o “prazer de Deus”, obtido quando alguém se torna como o “intelecto ativo” (WOLFSON, H., 1912, p.325) no encontro da verdade, descrevendo tudo de uma forma apropriada, e, com razão, reconhecendo suas bases. A maneira de alcançá-lo não é pela ação, nem está prescrita. Os filósofos dizem: “adote uma religião com mandamentos racionais, como a elaborada pelos filósofos, objetivando o refinamento de sua alma” (HALEVI, 2010, p.45-46), e não se preocupe com a palavra ou a linguagem ou as ações que empreender. Ao criticar este sistema ético, Halevi tenta provar que a razão não é confiável, nem como um guia da vida e nem como um meio de conhecer as coisas. As virtudes são ineficientes sem valores intrínsecos e o homem nunca pode tornar-se o “intelecto ativo”, e o tal “intelecto ativo” não pode ser a maior felicidade.

O intelecto, então, não pode ser o guia da vida. Se todos os homens seguirem seus intelectos, cada um seria levado para um ponto diferente, nunca chegando a acordo. Se os homens não confiassem em seus intelectos e admitissem a falibilidade da razão, as diferenças de opinião seriam reconhecidas como inevitáveis e nenhum ser humano tentaria vencer os outros de suas visões. Na verdade, para o progresso da humanidade, é melhor que existam diferenças de opiniões. Os intelectos dos homens são, então, diferentes, e por isso não devem determinar a ação. A razão não é só falha como um guia da vida, mas também como a maneira de alcançar uma compreensão verdadeira das coisas. Há coisas no céu e na terra impossíveis de se alcançar somente pela razão²¹. Há milagres na natureza e mistérios na natureza humana que não podem ser compreendidos ou explicados somente pela razão, então o homem necessita de

²¹ H. Wolfson (1912, p.306) confirma que Halevi não acredita que somente a razão deve guiar o ser humano: “Halevi is ruled by feeling and sentiment, full of scepticism as to the validity of reason, and he is chiefly interested in ethics”. [...].

“The world is not one and harmonious, and its parts do not hang together according to fixed and eternal laws. The world is a chaos, whose sole and miraculous unifying principle is a supreme Will, which is itself unstable and capriciously changing. The world is full of miracles and the changing of ordinary, things newly arising, or changing one into another.” (WOLFSON, H., 1912, p.322).

outras faculdades para entendê-los, e de outros tipos de linguagem para comunicá-los. Há profecia, influência divina e intuição, diferentes e independentes da razão. Muitas vezes, pessoas não dedicadas aos estudos e ao desenvolvimento do intelecto são dotadas de poderes através dos quais podem ser capazes de descobrir verdades que os filósofos, com seu suposto intelecto superior, se esforçaram em vão para descobrir (WOLFSON, H., 1912).

[...] em consequência das atitudes dos filósofos, de sua busca pela verdade e por todo seu empenho, o mais provável seria que a profecia fosse encontrada entre eles – uma vez que somente eles estão ligados ao mundo espiritual. Mas a realidade é que não se sabe de quaisquer milagres que tenham ocorrido por meio dos filósofos! Pelo contrário: a realidade é que os sonhos e suas mensagens são confiadas aos que não se ocupam do saber ou da purificação da alma, enquanto os filósofos, que se devotam ao conhecimento e à purificação do espírito, não logram atingir tal status. Tudo isso indica que o segredo da conexão entre a alma humana e a Divindade é diferente do que você, ó filósofo, acaba de mencionar! (HALEVI, 2010, p.47).

Observação ou intuição, então, são mais importantes que a razão, que pode elaborar, mas não descobrir, e a verdade é aquilo que percebemos, e não o que elaboramos ou fundamentamos. A razão é simplesmente a ferramenta que manipula aquilo que é perceptível. (WOLFSON, H., 1912).

Segundo H. Wolfson (1941), Halevi acredita que milagres são o principal argumento em favor do livre arbítrio Divino. O ponto de partida do pensamento religioso seria a aceitação da narrativa bíblica da criação do mundo, juntamente com os milagres relatados em diversas ocasiões, como fatos históricos. Argumentos racionais, neste caso, só serviriam para diminuir dúvidas ou refutar heréticos.

Para Halevi (2010), conselhos e admoestações são benéficos e influenciam as pessoas. Mesmo não impedindo uma pessoa de pecar, iluminarão seu comportamento e o levarão a concluir que agiu de forma errada, dando início ao processo de arrependimento.

O homem, então, é livre para praticar o mal ou evitá-lo (HALEVI, 2010). Mas, muitas vezes, um bem pode deixar de ser feito por falta de oportunidade ou ignorância.

Strauss (1943) afirma que a religião é essencial à sociedade. Para H. Wolfson (1912), a prece é uma necessidade psicológica, uma expressão espontânea do indivíduo em momentos de grande emoção, uma arte de auto-expressão, assim como a música ou a dança que frequentemente podem acompanhá-la, e ocupa na vida judaica a mesma posição que a música e os jogos atléticos ocupam na vida grega. Um exercício voluntário da alma, mais do que uma série de petições à Deus. “Os períodos

de prece são necessários à alma tal qual o alimento para o corpo” (HALEVI, 2010, p.205). A sinagoga, um centro de atividade social e intelectual, estava gradualmente se transformando em um centro de atividade litúrgica. A casa de estudo era também uma casa de culto, e os *piyyutim* ou poemas litúrgicos eram bastante difundidos. (SCHMIDT, 1996).

Segundo H. Wolfson (1912), o “Deus filosófico” não é capaz de inspirar ou influenciar as ações humanas tanto quanto o “Deus religioso”. Os filósofos também reconhecem o valor da virtude moral, e recomendam o bem e dissuadem do mal de maneira admirável, mas qual é a força moral que fará com que alguém faça o bem e desista do mal? Os filósofos planejaram leis e regulamentos sem força vinculativa, que podem ser anuladas em caso de necessidade. Mas só a razão não pode ser uma força vinculativa, já que o conhecimento de que, fazendo mal a alguém, estaremos fazendo mal a nós mesmos, não é suficientemente forte para sobrepujar os impulsos para o mal. Isto pode ser conseguido por um impulso inibidor, uma consciência responsável, um sentimento de que certas ações são erradas. O medo de punição pode inibir um homem de fazer o mal, mas como poderá o medo de uma eventual punição distante inibir um prazer imediato? O homem não vai desistir de fazer o mal, a não ser que, além do impulso do mal, haja também no homem um desejo contrário, o de não fazer o mal, que nada mais é do que a consciência de que algumas ações são erradas por si só, de que há uma autoridade que proíbe certas coisas, e de que há um poder superior ao intelecto humano que as determina. A descrença na existência deste poder superior, de Deus, provoca uma falta de valores que impossibilita ações positivas. A atitude religiosa, por outro lado, define a vida humana, determina suas ações e molda seu destino.

As boas ações devem ser inspiradas por um sentimento social, um sentimento de que a relação de um indivíduo para com a sociedade é como a relação de um órgão para com o corpo. É obrigação de cada indivíduo passar por dificuldades ou até mesmo morte, em prol da comunidade²². A filosofia, ao contrário, não traz essa força de ligação, não tem este sentido de obrigação social. Os filósofos não consideram cada pessoa como um membro do corpo e amam a solidão para refinar pensamentos (HALEVI, 2010; WOLFSON, H., 1912). Segundo Strauss (1943), para os filósofos, as regras de conduta social não vão além das mínimas exigências morais para se viver em sociedade. Além disso, não são regras obrigatórias, mas sim, válidas na maioria

²² Original em inglês: “*The relation of the individual to society is as the relation of the single limb to the body*”, “*and that it is the duty of the individual to bear hardships, or even death, for the sake of the welfare of the common-wealth.*” (WOLFSON, H., 1912, p.333); tradução destes versos na edição em português: “Porque o indivíduo é parte da comunidade, como um órgão é parte do corpo”; “O indivíduo deve sofrer em benefício da comunidade e entregar-se de corpo e alma a ela.” (HALEVI, 2010, p.234). Comentário do editor: “[...] se a comunidade desmoronar, então todo corpo morrerá e, conseqüentemente, todos os seus membros, inclusive ela.” (HALEVI, 2010, p.233).

dos casos. Este conjunto de regras pode seguramente ser desconsiderado em casos extremos, em casos de necessidade ou urgência. São regras de prudência, mais do que regras de moralidade propriamente ditas.

Porque o indivíduo é parte da comunidade, como um órgão é parte do corpo. Imagine o que aconteceria se um braço decidisse impedir o sangue de fluir dentro de si: como o sangue é necessário para as funções vitais do corpo, resultaria que todo o corpo seria prejudicado com isto, e o braço junto com ele. O indivíduo deve sofrer em benefício da comunidade e entregar-se de corpo e alma a ela. (HALEVI, 2010, p.234).

HUBNER, M. M. A study on the topic of freedom and free will in the book “O Cuzari”, by Iehuda Halevi. **Revista de Letras**, São Paulo, v.51, n.1, p.143-154, jan./jun., 2011.

- **ABSTRACT:** *The Cuzari is a medieval work of great importance that discusses the foundations of the Jewish faith. It was written in Spain at the time when the country was divided between Christians and Muslims in the XII century, in the beginning of the crusades, and when the Neo-Platonic philosophy influences the Islamic and Jewish thought. This work aimed to raise the self-esteem of a persecuted people and promote the differentiation between the Hellenistic and Jewish thought. A work written nearly nine hundred years ago, it remains as contemporary as when it was written, and it remains one of the basic books of Jewish philosophy. The discussions about freedom and free-will are some of the highlights of the work. The Cuzari discusses faith, reason, human intellect, ethics and moral and how to reconcile human free-will to the divine power, judgment and omniscience.*
- **KEY WORDS:** *Cuzari. Halevi. Judaism. Freedom. Philosophy.*

Referências

ABRAHAMAS, I. **Chapters on Jewish literature**. Baltimore: JPS, 1899.

BEREZIN, R. **Dicionário hebraico-português**. São Paulo: Ed. da USP, 2003.

BERGER, M. S. Toward a new understanding of Judah Halevi's “Kuzari”. **The Journal of Religion**, Chicago, v.72, n.2, p.210-228, Apr. 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1205150>>. Acesso em: 09 maio 2011.

HALEVI, I. **O Cuzari**. São Paulo: Sefer, 2010.

HALKIN, H. **Yehuda Halevi**. New York: Nextbook/Schocken, 2010.

KOGAN, B. **Judah Halevi**. Stanford: Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2008. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/halevi/>>. Acesso em: 09 maio 2011.

MELAMED, M. M. **Torá: a lei de Moisés**. São Paulo: Sefer, 2001.

SCHEINDLIN, R. P. **The Song of the Distant Dove: Judah Halevi's Pilgrimage**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SCHMIDT, G. G. The Soul, God, and Zion in the Poetry of Yehuda Halevi. **Mystics Quarterly**, Pennsylvania, v.22, n.4, p.144-162, Dec. 1996. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20717286>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

SHEAR, A. **The Kuzari and the Shaping of Jewish Identity, 1167–1900**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

STRAUSS, L. The Law of Reason in the “Kuzari”. **Proceedings of the American Academy for Jewish Research**, New York, v.13, p.47-96, 1943. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3622291>>. Acesso em: 10 maio 2011.

WOLFSON, E. R. Merkavah traditions in philosophical garb: Judah Halevi reconsidered. **Proceedings of the American Academy for Jewish Research**, New York, v.57, p.179-242, 1990-1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3622658>>. Acesso em: 28 jun 2011.

WOLFSON, H. A. Maimonides and Halevi: a study in typical jewish attitudes towards greek philosophy in the middle ages. **The Jewish Quarterly Review**, Pennsylvania, v.2, n.3, p.297-337, Jan. 1912. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1451061>>. Acesso em: 09 maio 2011.

_____. Halevi and Maimonides on design, chance and necessity. **Proceedings of the American Academy for Jewish Research**, New York, v.11, p.105-163, 1941. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3622227>>. Acesso em: 10 maio 2011.

_____. Philo on free will. and the historical influence of his view. **The Harvard Theological Review**, Cambridge, v.35, n.2, p.131-169, Apr. 1942. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1508374>>. Acesso em: 22 jun. 2011.